

## **Formação empreendedora: análise das características empreendedoras entre os estudantes do ensino técnico**

### **Entrepreneurial training: analysis of entrepreneurial characteristics among technical education students**

**Mariana Bueno Silveira**  
FACCAMP  
mary.buenos@gmail.com

**Cida Sanches**  
FACCAMP  
cidasanches@uol.com.br

#### **Resumo**

O presente artigo tem como objetivo analisar se há diferença significativa quanto às características empreendedoras entre os alunos que estudaram e os que não estudaram a disciplina de empreendedorismo, com o intuito de identificar se os alunos que estudaram a formação empreendedora desenvolveram tais características. Para tanto, foi necessário a criação de um questionário que foi validado e testado. Os testes das hipóteses foram feitos por meio de estatísticas não paramétricas que são aplicáveis a variáveis ordinais qualitativas. Espera-se que esses resultados sejam de grande valia para auxiliar as instituições de ensino profissionalizante na análise do conteúdo programático da competência, módulo ou disciplina de empreendedorismo.

**Palavras-chave:** ensino técnico; ensino por competências; formação empreendedora; características empreendedoras

#### **Abstract**

This article aims to analyze if there is a significant difference in the entrepreneurial characteristics between the students who studied and those who did not study the entrepreneurship discipline, in order to identify if the students who studied the entrepreneurship training developed such characteristics. In order to do so, it was necessary to create a new questionnaire which, in turn, was submitted to rigorous validation forms. The data collection was done by Likert type scale created and validated specially for such. The tests of the hypotheses were made through non-parametric statistics that are applicable to qualitative ordinal variables. It is hoped that these results will be of great value to help the professional education institutions in the analysis of the programmatic content of the competency, module or discipline of entrepreneurship

**Keywords:** ensino técnico; ensino por competências; formação empreendedora; características empreendedoras

## 1. INTRODUÇÃO

O empreendedorismo tem sido foco de estudo nas comunidades acadêmicas nacionais e internacionais e os governos estão colocando esse assunto em pauta cada vez mais nas esferas federais, estaduais e municipais, e isso se deve ao ser empreendedor, sujeito dotado de múltiplas características que é capaz de influenciar o crescimento e o desenvolvimento de economias regionais e nacionais (ROCHA E FREITAS, 2014).

Devido a esse interesse crescente, objetivou-se nessa pesquisa realizar uma análise sobre a formação empreendedora e as características de empreendedores, os dados utilizados serão compostos por alunos de cursos técnicos profissionalizante, que já estudaram e que não estudaram a disciplina de empreendedorismo, para assim observar, testar e mesurar se as competências que contemplam essa disciplina influenciam ou não nas características empreendedoras dos estudantes. Por meio dessa base de dados, o foco desse estudo é contribuir na construção do arcabouço sobre as características de empreendedores demonstrando a relevância da formação empreendedora nas instituições de ensino profissionalizante.

Discute-se na revisão de literatura sobre se é possível ensinar o empreendedorismo, qual conteúdo e métodos são adequados, quais características diferencia o ser empreendedor dos demais. Para que seja possível contribuir com construção desse arcabouço, a questão norteadora desse estudo é: há diferença significativa quanto às características empreendedoras entre os alunos que estudaram e os que não estudaram a disciplina de empreendedorismo?

Este estudo apresenta uma revisão de literatura sobre ensino técnico profissionalizante, ensino por competências, papel do professor, empreendedorismo, formação empreendedora e características de empreendedores, bem como uma análise histórica e as contribuições mais relevantes de autores sobre esses temas. Em seguida, nos métodos de pesquisa, aborda-se a estrutura e as técnicas utilizadas para validação do questionário proposto, variáveis, tratamento dos dados, hipóteses testadas e, por fim, são apresentados os resultados e as conclusões.

Espera-se com este estudo que ao analisar as características empreendedoras entre os alunos que estudaram e os que não estudaram a disciplina de empreendedorismo, que seja possível contribuir com as instituições de ensino profissionalizantes no que tange ao conteúdo aplicado/desenvolvido sobre o tema empreendedorismo em suas grades curriculares.

## 2. REVISÃO DA LITERATURA

### ENSINO TÉCNICO PROFISSIONALIZANTE

A necessidade de formação, ou seja, de se passar um ofício a outro alguém, surgiu antes da revolução industrial. Porém foi nessa época que se entendeu a real necessidade da formação de mão-de-obra e de incentivar a educação básica (Teixeira, 2009). No início do século XIX, Frederick Winslow Taylor criou a organização científica do trabalho e esse período foi marcado com o surgimento das teorias da produção, desde então o mercado de trabalho vem sofrendo significativas alterações (Cem, 2010). Assim, os governos passaram a incentivar a formação profissional dos trabalhadores (TEIXEIRA, 2009).

O início da industrialização e da instituição do ensino profissional no Brasil foi marcado pelas iniciativas de D. João VI, no início do século XIX. Com a abertura dos portos da Colônia, ele permitiu o comércio internacional e a implantação de estabelecimentos industriais no território brasileiro, porém esse incentivo inicial não foi o suficiente para agilizar a expansão do desenvolvimento industrial no país e nesse período o ensino técnico pouco se expandiu. Em 1909, o Governo Federal criou dezenove escolas de ensino profissional onde os alunos aprendiam seus ofícios junto a seus mestres e com isso houve um avanço no ensino técnico brasileiro conforme Nascimento (2011):

Nesse contexto, a educação cumpria o papel estratégico de formadora do novo trabalhador, para atendimento às demandas por escolarização e formação da força de trabalho para o emergente sistema produtivo brasileiro. Essas transformações nas formas de organização da produção e no trabalho engendraram novos processos educativos, que mudam à medida que o capitalismo avança, alterando as relações de produção e ampliando a divisão do trabalho.

Para Delors (2010), durante o último meio século, o mundo passou do crescimento econômico ao desenvolvimento humano e com isso surgiu a necessidade de formar agentes econômicos aptos a utilizar novas tecnologias e que revelem um comportamento inovador. Essas aptidões estão requerendo respostas do sistema educativo e, segundo o autor, os sistemas educativos devem dar respostas a essa necessidade não só assegurando os anos de formação inicial e profissional, mas também incentivando a formação de cientistas inovadores.

Hoje, a educação profissional é considerada um fator estratégico de competitividade e desenvolvimento humano e conta com alguns eixos norteadores, como a Lei nº 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional– LDB que define e regulariza o sistema de educação no Brasil (LOPES, 2014).

A necessidade de qualificação profissional fez com que a maioria das instituições de ensino profissionalizante se preocupasse com suas grades curriculares e, com essa preocupação, surgiu à necessidade de adaptar-se ao novo cenário. Muitas instituições de ensino, estão adotando o método de ensino por competência em seus cursos profissionalizantes. O Ministério da Educação disponibiliza como referência para as instituições de ensino, o Catálogo Nacional de Cursos Técnicos (CNCT) para a oferta dos cursos técnicos de nível médio, nos diferentes sistemas de ensino Federal, Estadual/Distrital e Municipal do país. A adoção da nomenclatura, a carga horária e o perfil descritivo apresentado no CNCT, possibilita as instituições de ensino qualificar a oferta de seus cursos e ao estudante uma maior aceitação no mercado de trabalho (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2015).

## **ENSINO POR COMPETÊNCIA**

O termo competência surgiu em meados do século XV na língua francesa para legitimar a autoridade das instituições, tais como os tribunais, ao se tratar de determinados problemas. No século XVIII seu significado passa para o nível individual, designando a capacidade devida ao saber e à experiência. Em meados dos anos 50 no século XX, esse termo surge na Psicologia em trabalhos científicos de Noam Chomsky. Mas, foi a partir dos anos 70 no século XX, que a palavra competência surge associada à qualificação profissional, sendo vinculada ao posto de trabalho e associada ao coletivo, à organização. Na Educação o termo surgiu como uma alternativa a capacidade, habilidade, aptidão, potencialidade, conhecimento ou *savoir-faire* (DIAS, 2010).

Segundo Perrenoud (1999; 2000), competência é “*uma capacidade de agir eficazmente em um determinado tipo de situação, apoiada em conhecimentos, mas sem limitar-se a eles*”. É a capacidade de mobilizar diversos recursos cognitivos para enfrentar um tipo de situação. Segundo o autor essa definição insiste em quatro aspectos:

1. As competências não são elas mesmas saberes, *savoir-faire* ou atitudes, mas mobilizam e integram tais recursos;
2. Essa mobilização só é pertinente em situação, sendo cada situação singular, mesmo que se possa tratá-la em analogia com outras, já encontradas;
3. O exercício da competência passa por operações mentais complexas, subentendidas por esquemas de pensamento, que permitem determinar (mais ou menos consciente e rapidamente) e realizar (de modo mais ou menos eficaz) uma ação relativamente adaptada à situação;
4. As competências profissionais constroem-se, em formação, mas também ao sabor da navegação diária de um professor, de uma situação de trabalho à outra.

Perrenoud (2000) afirma que na maioria das vezes, descrever uma competência equivale a três elementos complementares:

- os tipos de situações das quais dá um certo domínio;
- os recursos que mobiliza os conhecimentos teóricos ou metodológicos, as atitudes, o *savoir-faire* e as competências mais específicas, os esquemas motores, os esquemas de percepção, de avaliação, de antecipação e de decisão;
- a natureza dos esquemas de pensamento que permitem a solicitação, a mobilização e a orquestração dos recursos pertinentes em situação complexa e em tempo real.

Para ele, o último aspecto é o mais complexo, pois os esquemas de pensamentos são individuais de cada pessoa e não são passíveis de observação. As competências são importantes metas de formação e podem responder a uma demanda social apontada para a adaptação ao mercado, também podem fornecer os meios para aprender a realidade e não ficar indefeso nas relações sociais.

Para Dias (2010) competência pode ser resumida em: “*uma combinação de conhecimentos, motivações, valores e ética, atitudes, emoções, bem como outras componentes de carácter social e comportamental*” que juntos, em um contexto particular, podem gerar um resultado eficaz. Por meio dela, o aluno constrói seus próprios saberes em uma interação que possibilita o aprender a aprender.

A principal preocupação das escolas que adotam esse método é a de fornecer aos alunos ensino da mais alta qualidade relacionando ao desempenho profissional, segundo Agustin-Lacruz et al. (2011). Para que todo esse contexto se realize além da adoção da escola é necessário que o professor, figura de extrema importância para a construção desse processo, o adote também.

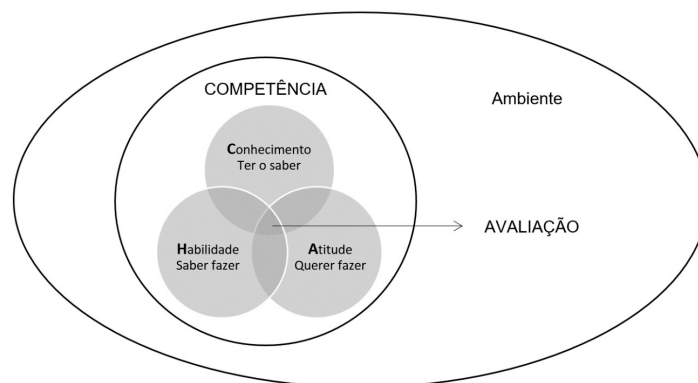
### **Papel do Professor no Ensino por Competência**

Perrenoud (2000), inspirado em sua participação na construção de um referencial de competências para formação contínua, adotado em Genebra em 1996, aborda o ofício do professor instituído em 10 grandes famílias de competências:

1. Organizar e dirigir situações de aprendizagem
2. Administrar a progressão das aprendizagens
3. Conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação
4. Envolver os alunos em suas aprendizagens e em seu trabalho
5. Trabalhar em equipe
6. Participar da administração da escola
7. Informar e envolver os pais
8. Utilizar novas tecnologias
9. Enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão
10. Administrar sua própria formação continua

Como observado no ensino por competência, o professor não é mais o tomador do conhecimento, e sim um mediador na construção dos saberes. A definição de competência está ligada ao *savoir-faire* “saber fazer ou aprender a fazer”, ao conhecimento gerado por uma determinada situação-problema “aprender a conhecer”, ao aprender a viver juntos, “aprender a viver com os outros” e ao “aprender a ser”. Segundo Agustin-Lacruz et al. (2011) a formação com base nesses saberes, “*integra conhecimentos, aptidões, valores e habilidades que permitem alcançar o desempenho profissional em situações determinadas*”.

Figura 2.1: Ambiente para a avaliação formativa



FONTE: Elaborado a partir de Perrenoud (1999).

A forma de avaliação, o ensino por competência sugere praticar mais a avaliação formativa e menos a seletiva. Essa forma de avaliação ocorre por meio de situações de resolução de problemas, nos quais o engajamento de um projeto leva a se trabalhar com objetivos e obstáculos. Com isso ocorre uma avaliação individualizada, já que nem todos os alunos encontraram os mesmos obstáculos na resolução do mesmo problema (PERRENOUD, 1999).

Segundo Perrenoud (1999), para que ocorra esse processo, a formação do professor é muito importante, pois ele deverá adotar uma postura formativa e deverá abrir mão da avaliação por meio de pressão e de barganha, bem como desistir de padronizar seu modo de avaliação.

Ele deverá envolver os alunos na avaliação de sua competência apresentando e debatendo seus objetivos e critérios, favorecendo um ambiente propício para feedback mútuo e autoavaliação.

O professor deverá ensinar os saberes que integram a competência para assim observar o conhecimento, as habilidades e as atitudes de cada aluno, propiciando um ambiente para a avaliação formativa, conforme podemos observar na Figura 2.1.

## **EMPREENDEDORISMO**

Nas últimas décadas tem-se intensificado o estudo sobre empreendedorismo nas comunidades acadêmicas e empresariais, observamos isso claramente devido ao grande número de obras publicadas sobre este assunto. Desde então, diversos estudos acadêmicos foram produzidos sobre essa temática, tanto por economistas como por comportamentalistas. Segundo Filion (1999), os economistas associam o empreendedor com inovação e os comportamentalistas aos aspectos criativos e intuitivo.

Trazendo uma conceituação história, o primeiro registro do termo “empreendedorismo” foi atribuído a Richard Cantillon, em 1755, importante escritor e economista da época, ele defendia que os empreendedores eram pessoas que aproveitavam oportunidades e assumiam os riscos com a perspectiva de obterem lucros. Porém quem primeiro estabeleceu referenciais teóricos sobre essa nova temática, e por isso é considerado por alguns pesquisadores como pai do empreendedorismo, foi o economista francês Jean-Baptiste Say, que em 1803 através de estudos se convenceu que havia uma distinção entre; empreendedores, capitalistas e os lucros de cada um, assim associou que quem abre seu próprio negócio é um empreendedor (FILION, 1999; HASHIMOTO, 2013).

Drucker (1985) em sua obra *Inovação e Espírito Empreendedor*, afirmou que o empreendedor sempre está em busca de uma oportunidade, sendo capaz de lidar com as incertezas e com os riscos de suas decisões, usando sua criatividade para transformar algo novo e diferente. Schumpeter (1928; 1985) foi quem lançou o campo de empreendedorismo, associando-o claramente a inovação. Ele relata que o empreendedor é o indivíduo responsável pela destruição criativa seja criando e inovando dentro de organizações já existentes, em um novo negócio ou produto. Gartner (1988) compreende que a criação de uma organização é um processo muito complicado e complexo e que o empreendedorismo é o papel que os indivíduos se comprometem a exercer para criar organizações. Segundo Nassif (2014) apesar de muito explorada, a definição de Gartner foi criticada e descontextualizada no seu campo investigativo.

Muitos são os caminhos de estudo do campo empreendedorismo e segundo Nassif (2014), muitas dessas pesquisas estão seguindo percursos diferentes.

Uma das vertentes do estudo de empreendedorismo é a formação empreendedora, também conhecida como ensino de empreendedorismo ou educação para o empreendedorismo, que possui um papel de destaque entre os estudiosos do tema, conforme veremos a seguir.

## **FORMAÇÃO EMPREENDEDORA**

Segundo Katz (2003) e Lavieri (2010), esse estudo teve início na escola de Administração de Harvard nos Estados Unidos no ano de 1947 com Myles Mace que ofereceu o primeiro curso de empreendedorismo para 188 alunos e esse movimento se espalhou por diversos países. No Brasil, essa dinâmica se manifestou bem mais tarde. Foi somente após os primeiros anos da década de 80 que se registraram os primeiros trabalhos acadêmicos para o tema (Dutra e

Previdelli, 2002). O primeiro a introduzir um curso de empreendedorismo no Brasil foi Ronald Degen em 1981, na Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas e o foco da disciplina era a criação de negócios (Lavieri, 2010). Com essa primeira iniciativa e muitas outras posteriores, a preocupação com a formação empreendedora no Brasil começou a tomar forma e entidades como SEBRAE manifestaram o interesse por essa temática.

Desde o começo dos estudos, especialistas debatem se seria possível ensinar o empreendedorismo e com isso surgiu a pergunta: o empreendedorismo pode ser ensinado? Drucker (1985) advogava que sim, que o empreendedorismo pode ser aprendido. Para Neck e Greene (2011) a resposta também é sim, o empreendedorismo pode ser ensinado, desde que tenha um método de ensino consistente, que ensine o aluno não somente na teoria, mas também na prática, incentivando-o a observar o mundo de maneiras diferentes e a criar novas oportunidades. Para Lavieri (2010), nos últimos anos, o foco sobre essa pergunta se deslocou para como ensinar o empreendedorismo, qual o conteúdo mais adequado, qual metodologia e técnicas utilizar e não mais sobre ser possível ou não, ensiná-lo.

Compreende-se que a formação empreendedora pode ser ensinada, que seu estudo está em franco crescimento, que ela é importante para formar empreendedores e que para isso, existem diversas práticas pedagógicas. Mas, nesse contexto, a disciplina de empreendedorismo e as competências que a permeiam, ajudam a desenvolver características de empreendedores nos alunos. Para ajudar essa compreensão, a próxima seção mostrará as principais características já estudadas, sobre o ser empreendedor.

### **Características de empreendedores**

Segundo Fillion (1999), dos anos 60 até o início dos anos 80, quem dominou o campo dos estudos sobre os traços de personalidade dos empreendedores foram os comportamentalistas com o objetivo de definir as características dos empreendedores. Com isso inúmeras publicações foram feitas e as características mais frequentes atribuídas aos empreendedores pelos comportamentalistas são: inovação, liderança, riscos moderados, independência, criatividade, energia, tenacidade, originalidade, otimismo, orientação para resultados, flexibilidade, habilidade para conduzir situações, necessidade de realização, autoconsciência, autoconfiança, envolvimento à longo prazo, tolerância à ambiguidade e à incerteza, iniciativa, capacidade de aprendizagem, habilidade na utilização de recursos, sensibilidade a outros, agressividade, tendência a confiar nas pessoas e dinheiro como medida de desempenho.

Fillion (1999) observou que nessa época não era possível estabelecer um perfil psicológico absolutamente científico do empreendedor e que ainda não podia avaliar uma pessoa e afirmar que ela seria um empreendedor de sucesso. Entretanto era possível analisar e dizer se ela possuía as características e aptidões mais comuns encontradas em empreendedores. Para Nassif (2014) ao longo das últimas cinco décadas, houve resultados e avanços obtidos, porém eles ainda não foram capazes de desvendar e determinar o perfil psicológico e comportamental do empreendedor.

Muitos são os termos atribuídos as características dos empreendedores. Como uma forma de sintetizar as principais características e os principais autores sobre esse tema Souza (2005) apresenta um resumo sobre a proposta de diversos autores renomados, conforme Quadro 2 a seguir:

Quadro 2.1 – Autores e características empreendedoras

Características	Autores															Total	
	J. Schumpeter	D. MacClellande	Max Weber	L-J. Filion	R.E. McDonald	R. Degen	P. F. Drucker	R. Lalkala	I. Dutra	Barros e Prates	H. Mintzberg	E. Angelo	Longnecker et al	E. Leite	Carland et al		Frese et al
Busca de oportunidades	X	X		X	X	X	X		X		X	X	X	X			11
Conhecimento do mercado						X	X	X				X		X			5
Conhecimento do produto						X	X	X				X		X			5
Correr riscos	X	X		X	X	X	X				X	X		X	X		10
Criatividade		X		X		X		X	X	X		X		X	X		9
Iniciativa	X	X		X					X					X		X	6
Inovação	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	16
Liderança	X	X	X	X	X		X				X						7
Necessidade de realização	X	X									X				X	X	5
Proatividade	X	X		X											X	X	5
Visionariedade				X					X		X			X		X	5

Fonte: SOUZA, E.C.L.de. Empreendedorismo: da gênese à contemporaneidade. In: SOUZA, E. C. L. de; GUIMARÃES, T. de A. Empreendedorismo além do plano de negócios. São Paulo: Atlas 2005, p. 17.

A pesquisa efetuada por Souza (2005) demonstra claramente as principais características empreendedoras estudadas. Observa-se ainda no Quadro 2 que todos os autores concordam que uma das principais características de um empreendedor é a inovação, seguida pela busca de oportunidades e, por fim, correr riscos.

Dentre os estudos encontrados sobre as características de empreendedores, Schmidt e Bohnenberger (2009), relacionaram em sua pesquisa oito variáveis que diferenciam os empreendedores em relação as suas características atitudinais, que são: auto-eficaz, assume riscos calculados, planejador, detecta oportunidades, persistente, sociável, inovador e líder. A definição dos oitos construtos apoiou a criação e validação de um instrumento de medição e, com a aplicação e mensuração desse instrumento, os autores chegaram à conclusão que as características do empreendedor é composta por seis características atitudinais (autorrealização, líder, planejador, inovador, assumir riscos e sociável) e não por oito, como previsto no início do estudo.

Baseando-se nas características empreendedoras citadas por Fillion (1999), Souza (2005) e de Schmidt & Bohnenberger (2009), temos uma gama de características atribuídas aos empreendedores. Essas características, juntamente com o conteúdo pré-definido para o desenvolvimento da disciplina de empreendedorismo, consolidaram a criação do modelo proposto neste estudo que tem como principal finalidade apoiar e fundamentar a questão de pesquisa que é: há diferença significativa quanto as características empreendedoras entre os



alunos que estudaram e os que não estudaram a disciplina de empreendedorismo, ao nível de significância de 0.05?

#### Quadro 2.2: Características dos empreendedores

Características dos empreendedores		
Agressividade	Dinheiro como medida de desempenho	Orientação para resultados
Assume riscos calculados	Energia	Originalidade
Autoconfiança	Envolvimento à longo prazo	Otimismo
Autoconsciência	Flexibilidade	Persistente
Autoeficaz	Habilidade na utilização de recursos	Planejador
Capacidade de aprendizagem	Habilidade para conduzir situações	Sensibilidade a outros
Conhecimento do mercado	Independência	Sociável
Conhecimento do produto	Iniciativa	Tenacidade
Correr riscos	Inovador	Tendência a confiar nas pessoas
Criatividade	Liderança	Tolerância à ambiguidade e à incerteza
Detecta oportunidades	Necessidade de realização	

Fonte: Elaborado a partir de Fillion (1999), Souza (2005) e de Schmidt & Bohnenberger (2009).

Agrupado as principais características, podemos dar seguimento à pesquisa para que, através desses dados, seja possível traçar as características empreendedoras dos alunos dos cursos técnicos da instituição pesquisada, bem como verificar quais dessas características se sobressai a amostra.

### 3. METODOLOGIA

A partir dos objetivos e fundamentação teórica, foram descritas as opções metodológicas adotadas em que a pesquisa se baseou, desde o tipo até as análises estatísticas.

A metodologia utilizada é a pós-positivista, também denominada de pesquisa quantitativa, com o objetivo de reduzir as ideias a um conjunto de variáveis pequeno e discreto para testar as hipóteses e as questões da pesquisa. O pensamento pós-positivista surgiu do reconhecimento que não há a verdade absoluta (do positivismo), reconhece que não podemos ser “positivos” sobre nossas alegações de conhecimento quando estudamos o comportamento e as ações dos seres humanos (Creswell, 2007).

A estatística referente à coleta de dados é também conhecida como estatística descritiva que nesse caso será utilizada com o objetivo principal de realizar inferências, isto é, tirar conclusões dos dados (CRESWELL, 2007). Pesquisas desse tipo têm como principal objetivo

descrever as características de determinada população, fenômeno ou de estabelecer relações entre variáveis (GIL, 2012). Para realizar tais análises. Foi necessária a criação e validação de um novo questionário, visto que na literatura observada sobre o tema Características de empreendedores e a Formação empreendedora, não foi possível identificar um questionário que medisse exatamente o que esse estudo se propõe a medir.

A população desta pesquisa é constituída por alunos de cursos técnicos profissionalizantes. Foram constituídas duas amostras de alunos:

Amostra I constituída por 80 alunos que não estudaram a disciplina de Empreendedorismo

Amostra II constituída por 77 alunos que estudaram a disciplina de Empreendedorismo

O questionário desta pesquisa foi aplicado antes dos alunos iniciarem a disciplina de empreendedorismo e depois de cursarem a disciplina, para assim observar, testar e mesurar se as competências que contemplam essa disciplina influenciam ou não nas características empreendedoras dos estudantes com melhor desempenho do ensino técnico.

O instrumento de coleta de dados utilizado nesta pesquisa é um questionário. Na medida em que não há questionário adequado na Literatura que possa ser aplicado, ainda que com adaptações, é feita aqui a construção e validação de um, com esse propósito. Os questionários não são limitados a um número determinado de questões, nem a um tópico especial, por isso seu tamanho, ou quantidade de questões diferencia dependendo da complexidade das informações a serem coletadas. De acordo com Richardson (1999), há questionários de perguntas abertas e fechadas e outros que combinam essas perguntas. As informações colhidas através do questionário possibilitam observar as características de uma pessoa ou grupo.

### **Estrutura geral do Instrumento de coleta**

Inicialmente identificou-se na literatura características inerentes aos empreendedores, formação empreendedora e sobre o conteúdo programático da disciplina de empreendedorismo de uma determinada instituição de ensino profissionalizante. Partindo desses autores e conteúdo, foi constituída uma lista de 44 proposições destinadas a constituir uma escala tipo Likert a ser aplicada à amostra. Cada proposição da escala está predominantemente associada à formação empreendedora.

As proposições foram extraídas do conteúdo programático da disciplina de empreendedorismo da instituição pesquisada e formuladas pela autora para este questionário. As características dos empreendedores foram retiradas da literatura estudada e vinculadas a cada proposição. Observa-se que não foram utilizadas todas as características mencionadas na literatura estudada, pois nem todas são compatíveis com as proposições e com o tema Formação Empreendedora.

Para este estudo foram selecionadas as características: autoconfiança; autoconsciência; auto-eficaz; capacidade de aprendizagem; conhecimento do mercado; conhecimento do produto; detecta oportunidades; habilidade para conduzir situações; habilidade na utilização de recursos; necessidade de realização. Após essa classificação identificou-se os autores/fontes que citam tais características na literatura. Cada uma das proposições foi redigida e tal maneira que pessoas com diferentes pontos de vista possam manifestar atitudes diferentes em suas respostas, o Quadro 3.1, demonstra essa estrutura.

Quadro 3.1: Proposições, características dos empreendedores e fontes

Proposições	Características	Fonte
Sou capaz de estabelecer meu perfil como empreendedor	Autoconsciência	Timmons (1978 apud Fillion, 1999)
Sei identificar as características que já possuo/faltam em relação a um perfil de empreendedor ideal	Autoconsciência	Timmons (1978 apud Fillion, 1999)
Sou capaz de avaliar o meu potencial como empreendedor	Autoconsciência	Timmons (1978 apud Fillion, 1999)
Sei reconhecer os atributos de um empreendedor	Autoconsciência	Timmons (1978 apud Fillion, 1999)
Sou capaz de reconhecer meus pontos fracos e fortes como empreendedor	Autoconsciência	Timmons (1978 apud Fillion, 1999)
Sou capaz de realizar uma pesquisa de mercado, fazendo uso da técnica de análise SWOT	Habilidade na utilização de recursos	Casson (1982 apud Fillion, 1999) Leibenstein (1979 apud Fillion, 1999) McClelland (1961 apud Fillion, 1999) Sarasvathy (2008 apud Nassif, 2014) Baron 2008 apud Nassif, 2014)
Sou capaz de propor uma solução viável perante o diagnóstico de uma análise SWOT	Habilidade na utilização de recursos	Casson (1982 apud Fillion, 1999) Leibenstein (1979 apud Fillion, 1999) McClelland (1961 apud Fillion, 1999) Sarasvathy (2008 apud Nassif, 2014) Baron 2008 apud Nassif, 2014)
Sou capaz de definir com clareza / objetividade uma missão empresarial	Capacidade de aprendizagem	Van den Broeck, Vanderheyden, & Colls (2003 apud Nassif, 2014)
Sou capaz de definir com clareza / objetividade uma visão estratégica	Capacidade de aprendizagem	Van den Broeck, Vanderheyden, & Colls (2003 apud Nassif, 2014)
Sou capaz de definir / identificar os valores de uma empresa	Capacidade de aprendizagem	Van den Broeck, Vanderheyden, & Colls (2003 apud Nassif, 2014)
Sou capaz de elaborar um código de ética	Capacidade de aprendizagem	Van den Broeck, Vanderheyden, & Colls (2003 apud Nassif, 2014)

Sou capaz de propor uma solução sustentável ao elaborar um código de ética	Auto-eficaz	Chen, Greene, & Crick (1998 apud Schmidt e Bohnenberger, 2009) Hisrich & Peters, 2004 apud Schmidt e Bohnenberger, 2009)
Sou capaz de reconhecer os princípios da Responsabilidade Social Empresarial	Capacidade de aprendizagem	Van den Broeck, Vanderheyden, & Colls (2003 apud Nassif, 2014)
Com base na legislação, sei indicar os procedimentos necessários para a abertura de uma empresa.	Auto-eficaz	Chen, Greene, & Crick (1998 apud Schmidt e Bohnenberger, 2009) Hisrich & Peters, 2004 apud Schmidt e Bohnenberger, 2009)
Sei indicar os aspectos técnicos necessários para o funcionamento de uma empresa (órgãos de classe, CETESB, Vigilância Sanitária, Corpo de Bombeiros e outras)	Auto-eficaz	Chen, Greene, & Crick (1998 apud Schmidt e Bohnenberger, 2009) Hisrich & Peters, 2004 apud Schmidt e Bohnenberger, 2009)
Sei identificar as diferentes técnicas de análise e coleta de dados	Auto-eficaz	Chen, Greene, & Crick (1998 apud Schmidt e Bohnenberger, 2009) Hisrich & Peters, 2004 apud Schmidt e Bohnenberger, 2009)
Sou capaz de analisar os ambientes interno e externo da empresa.	Habilidade na utilização de recursos	Casson (1982 apud Fillion, 1999) Leibenstein (1979 apud Fillion, 1999) McClelland (1961 apud Fillion, 1999) Sarasvathy (2008 apud Nassif, 2014) Baron 2008 apud Nassif, 2014)
Sei o que é o conceito de empreendedor	Capacidade de aprendizagem	Van den Broeck, Vanderheyden, & Colls (2003 apud Nassif, 2014)
Sei a diferença existente entre empreendedor e intraempreendedor	Capacidade de aprendizagem	Van den Broeck, Vanderheyden, & Colls (2003 apud Nassif, 2014)
Sei mapear as interações de uma empresa com seus clientes ou fornecedores	Conhecimento do mercado	Kirzner (1973 apud Nassif, 2014) Degen R.; Drucker P. F.; Lalkala R.; Angelo E.; Leite E. (apud Souza, 2005)
Sou capaz de reconhecer a concorrência de um determinado setor	Conhecimento do mercado	Kirzner (1973 apud Nassif, 2014) Degen R.; Drucker P. F.; Lalkala R.; Angelo E.; Leite E. (apud Souza, 2005)
Sei analisar a concorrência de um determinado setor	Conhecimento do mercado	Kirzner (1973 apud Nassif, 2014) Degen R.; Drucker P. F.; Lalkala R.; Angelo E.; Leite E. (apud Souza, 2005)
Sou capaz de reconhecer através do mapeamento os principais clientes de um determinado setor.	Conhecimento do mercado	Kirzner (1973 apud Nassif, 2014) Degen R.; Drucker P. F.; Lalkala R.; Angelo E.; Leite E. (apud Souza, 2005)
Sou capaz de analisar o mercado consumidor de um determinado setor.	Conhecimento do mercado	Kirzner (1973 apud Nassif, 2014) Degen R.; Drucker P. F.; Lalkala R.; Angelo E.; Leite E. (apud Souza, 2005)
Sou capaz de identificar o benefício de determinado produto ao consumidor.	Conhecimento do produto	Degen R.; Drucker P. F.; Lalkala R.; Angelo E.; Leite E. (apud Souza, 2005)

Sei identificar um processo criativo de geração de ideias	Conhecimento do produto	Degen R.; Drucker P. F.; Lalkala R.; Angelo E.; Leite E. (apud Souza, 2005)
Sou capaz de analisar a viabilidade de um negócio.	Detecta oportunidades	Cantillon e Say (apud Fillion, 1999) Higgins (1959 apud Fillion, 1999) Penrose (1959 apud Fillion, 1999) Kirzner (1976 apud Fillion, 1999) Shane&Vankataraman (2000 apud Nassif, 2014) Baron (2008 apud Nassif, 2014) Markman& Baron (2003 apud Schmidt e Bohnenberger, 2009) Birley&Muzyka (2001 apud Schmidt e Bohnenberger, 2009) Degen 1989 apud Schmidt e Bohnenberger, 2009)
Sou capaz de identificar tendências de mercado, visualizando oportunidades	Detecta oportunidades	Cantillon e Say (apud Fillion, 1999) Higgins (1959 apud Fillion, 1999) Penrose (1959 apud Fillion, 1999) Kirzner (1976 apud Fillion, 1999) Shane&Vankataraman (2000 apud Nassif, 2014) Baron (2008 apud Nassif, 2014) Markman& Baron (2003 apud Schmidt e Bohnenberger, 2009) Birley&Muzyka (2001 apud Schmidt e Bohnenberger, 2009) Degen 1989 apud Schmidt e Bohnenberger, 2009)
Sou capaz de identificar tendências de mercado, visualizando problemas futuros	Detecta oportunidades	Cantillon e Say (apud Fillion, 1999) Higgins (1959 apud Fillion, 1999) Penrose (1959 apud Fillion, 1999) Kirzner (1976 apud Fillion, 1999) Shane&Vankataraman (2000 apud Nassif, 2014) Baron (2008 apud Nassif, 2014) Markman& Baron (2003 apud Schmidt e Bohnenberger, 2009) Birley&Muzyka (2001 apud Schmidt e Bohnenberger, 2009) Degen 1989 apud Schmidt e Bohnenberger, 2009)
Sou capaz de agir com os atributos de um empreendedor ao identificar oportunidade de negócios	Detecta oportunidades	Cantillon e Say (apud Fillion, 1999) Higgins (1959 apud Fillion, 1999) Penrose (1959 apud Fillion, 1999) Kirzner (1976 apud Fillion, 1999) Shane&Vankataraman (2000 apud Nassif, 2014) Baron (2008 apud Nassif, 2014) Markman& Baron (2003 apud Schmidt e Bohnenberger, 2009) Birley&Muzyka (2001 apud Schmidt e Bohnenberger, 2009) Degen 1989 apud Schmidt e Bohnenberger, 2009)
Sou capaz de reconhecer as perspectivas de negócios e a possibilidade de sucesso no cenário atual	Habilidade na utilização de recursos	Casson (1982 apud Fillion, 1999) Leibenstein (1979 apud Fillion, 1999) McClelland (1961 apud Fillion, 1999) Sarasvathy (2008 apud Nassif, 2014) Baron 2008 apud Nassif, 2014)
Sou capaz de identificar oportunidades e estratégias de negócio	Habilidade na utilização de recursos	Casson (1982 apud Fillion, 1999) Leibenstein (1979 apud Fillion, 1999)

		McClelland (1961 apud Fillion, 1999) Sarasvathy (2008 apud Nassif, 2014) Baron 2008 apud Nassif, 2014)
Sei claramente a diferença entre um problema de gestão e uma oportunidade	Habilidade para conduzir situações	Clercq e Arenius (2003 apud Nassif, 2014)
Sou capaz de reconhecer a existência de um problema organizacional	Habilidade para conduzir situações	Clercq e Arenius (2003 apud Nassif, 2014)
Sou capaz de propor uma solução viável para um problema organizacional	Habilidade para conduzir situações	Clercq e Arenius (2003 apud Nassif, 2014)
Sou capaz de propor uma solução viável perante a uma ameaça de um concorrente.	Habilidade para conduzir situações	Clercq e Arenius (2003 apud Nassif, 2014)
Sou capaz de pensar conceitualmente e solucionar problemas complexos	Habilidade para conduzir situações	Clercq e Arenius (2003 apud Nassif, 2014)
Já li/pesquisei sobre empreendedores de sucesso	Capacidade de aprendizagem	Van den Broeck, Vanderheyden, & Colls (2003 apud Nassif, 2014)
Sei identificar um processo inovador de geração de ideias	Conhecimento do produto	Degen R.; Drucker P. F.; Lalkala R.; Angelo E.; Leite E. (apud Souza, 2005)
Sei trabalhar bem com outros a ponto de modificar o seu comportamento para atingir um objetivo.	Necessidade de realização	McClelland (1961, 1971 apud Fillion, 1999) Durand & Shea (1974 apud Fillion, 1999) Hundall (1971 apud Fillion, 1999) Schrage (1965 apud Fillion, 1999) Singh (1970 apud Fillion, 1999) Singh, N e Singh K. (1972 apud Fillion, 1999)  Timmons (1973 apud Fillion, 1999)  Brockhaus (1982 apud Fillion, 1999)
Frequentemente trabalho de forma intensa, mesmo em projetos de retornos incertos.	Necessidade de realização	McClelland (1961, 1971 apud Fillion, 1999) Durand & Shea (1974 apud Fillion, 1999) Hundall (1971 apud Fillion, 1999) Schrage (1965 apud Fillion, 1999) Singh (1970 apud Fillion, 1999) Singh, N e Singh K. (1972 apud Fillion, 1999)  Timmons (1973 apud Fillion, 1999)  Brockhaus (1982 apud Fillion, 1999)
Sempre que possível procuro satisfazer a minha necessidade de criação e inovação.	Necessidade de realização	McClelland (1961, 1971 apud Fillion, 1999) Durand & Shea (1974 apud Fillion, 1999) Hundall (1971 apud Fillion, 1999) Schrage (1965 apud Fillion, 1999) Singh (1970 apud Fillion, 1999) Singh, N e Singh K. (1972 apud Fillion, 1999)  Timmons (1973 apud Fillion, 1999)

		Brockhaus (1982 apud Fillion, 1999)
Sou capaz de identificar oportunidades potenciais visando o meu autodesenvolvimento.	Necessidade de realização	McClelland (1961, 1971 apud Fillion, 1999) Durand & Shea (1974 apud Fillion, 1999) Hundall (1971 apud Fillion, 1999) Schrage (1965 apud Fillion, 1999) Singh (1970 apud Fillion, 1999) Singh, N e Singh K. (1972 apud Fillion, 1999)  Timmons (1973 apud Fillion, 1999)  Brockhaus (1982 apud Fillion, 1999)
Sou capaz de persuadir as pessoas, quando é de meu interesse	Necessidade de realização	McClelland (1961, 1971 apud Fillion, 1999) Durand & Shea (1974 apud Fillion, 1999) Hundall (1971 apud Fillion, 1999) Schrage (1965 apud Fillion, 1999) Singh (1970 apud Fillion, 1999) Singh, N e Singh K. (1972 apud Fillion, 1999)  Timmons (1973 apud Fillion, 1999) Brockhaus (1982 apud Fillion, 1999)
Sei identificar um processo inovador de geração de ideias	Conhecimento do produto	Degen R.; Drucker P. F.; Lalkala R.; Angelo E.; Leite E. (apud Souza, 2005)
Sei trabalhar bem com outros a ponto de modificar o seu comportamento para atingir um objetivo.	Necessidade de realização	McClelland (1961, 1971 apud Fillion, 1999) Durand & Shea (1974 apud Fillion, 1999) Hundall (1971 apud Fillion, 1999) Schrage (1965 apud Fillion, 1999) Singh (1970 apud Fillion, 1999) Singh, N e Singh K. (1972 apud Fillion, 1999) Timmons (1973 apud Fillion, 1999) Brockhaus (1982 apud Fillion, 1999)
Frequentemente trabalho de forma intensa, mesmo em projetos de retornos incertos.	Necessidade de realização	McClelland (1961, 1971 apud Fillion, 1999) Durand & Shea (1974 apud Fillion, 1999) Hundall (1971 apud Fillion, 1999) Schrage (1965 apud Fillion, 1999) Singh (1970 apud Fillion, 1999) Singh, N e Singh K. (1972 apud Fillion, 1999) Timmons (1973 apud Fillion, 1999) Brockhaus (1982 apud Fillion, 1999)
Sempre que possível procuro satisfazer a minha necessidade de criação e inovação.	Necessidade de realização	McClelland (1961, 1971 apud Fillion, 1999) Durand & Shea (1974 apud Fillion, 1999) Hundall (1971 apud Fillion, 1999) Schrage (1965 apud Fillion, 1999) Singh (1970 apud Fillion, 1999) Singh, N e Singh K. (1972 apud Fillion, 1999)  Timmons (1973 apud Fillion, 1999) Brockhaus (1982 apud Fillion, 1999)

Sou capaz de identificar oportunidades potenciais visando o meu autodesenvolvimento.	Necessidade de realização	McClelland (1961, 1971 apud Fillion, 1999) Durand & Shea (1974 apud Fillion, 1999) Hundall (1971 apud Fillion, 1999) Schrage (1965 apud Fillion, 1999) Singh (1970 apud Fillion, 1999) Singh, N e Singh K. (1972 apud Fillion, 1999) Timmons (1973 apud Fillion, 1999) Brockhaus (1982 apud Fillion, 1999)
Sou capaz de persuadir as pessoas, quando é de meu interesse	Necessidade de realização	McClelland (1961, 1971 apud Fillion, 1999) Durand & Shea (1974 apud Fillion, 1999) Hundall (1971 apud Fillion, 1999) Schrage (1965 apud Fillion, 1999) Singh (1970 apud Fillion, 1999) Singh, N e Singh K. (1972 apud Fillion, 1999) Timmons (1973 apud Fillion, 1999) Brockhaus (1982 apud Fillion, 1999)

Fonte: Elaborado a partir de Fillion (1999), Souza (2005), Schmidt & Bohnenberger (2009) e Nassif, (2014).

Com as proposições criadas, classificadas e com a definição dos autores/fontes que as citam partiu-se para a validação do instrumento.

### Validação do instrumento

A validação do questionário ocorreu primeiramente em duas etapas. A primeira com oito psicólogos, para analisar se há adequação entre as situações formuladas perante a formação empreendedora e as características dos empreendedores. A segunda com quatro psicólogos, para analisar se há adequação entre as situações formuladas, comparadas com o conteúdo da disciplina de empreendedorismo. Os psicólogos especialistas foram selecionados pela a autora através de indicações. A principal condição para a inclusão do especialista era que atuasse no campo da educação, para melhor entendimento das proposições formuladas.

Após essa validação o próximo passo foi analisar o índice de Consistência Interna ou Poder Discriminatório do Item, que segue o proposto por Likert *apud* Baquero (1974: p.336). O que se procura avaliar aqui é se cada proposição consegue efetivamente separar ou discriminar quem possui de quem não possui a propriedade relacionada ao item. Para fazer o teste de consistência interna é necessário ter 20 respondentes, do mesmo tipo que será pesquisado, idealmente 10 tendentes a respostas positivas e 10 tendentes a respostas negativas. Como não se dispõe do conhecimento das possíveis respostas o teste foi aplicado a 20 respondentes semelhantes à amostra, isto é, 10 alunos do Curso Técnico que não haviam cursado a disciplina de empreendedorismo e 10 alunos do mesmo curso, que já tinham cursado tal disciplina. O poder discriminatório elevado é bom para uma proposição e devem ser eliminadas as proposições com poder discriminatório absoluto menor do que  $1: < |1|$ . Desta forma, não eliminou qualquer proposição nesta análise de consistência interna ou poder discriminatório do item.



A validade de constructo (ou validade de conceito) é considerada, de acordo com Pasquali (2003: p.164) a forma mais fundamental de validade do instrumento. Este conceito foi elaborado por Conbach e Meehl (1955) e utiliza-se o coeficiente  $\alpha$  de Cronbach. O valor alfa varia de 0 a 1. O software SPSS 17.x tem a função *Reliability Analysis* que possibilita a análise de confiabilidade de um instrumento de coleta. Observar que o SPSS 17.x oferece além do coeficiente Alpha de Cronbach outros testes de consistência. Os testes executados foram: *Descriptives for Item*, *ScaleeScale IF item deleted* além de *CorrelationsInter-item*. Observa-se que os estatísticos *Descriptives for Item* são os mais importantes. O output do SPSS fornece diversos e importantes resultados como se pode ver a seguir.

Quadro 3.2: Lista de variáveis válidas para o procedimento

		N	%
Cases	Valid	20	100,0
	Excluded <sup>a</sup>	0	,0
	Total	20	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Fonte: Dados extraídos da análise do SPSS.

Quadro 3.3 - Índice  $\alpha$  de Cronbach.

Cronbach's Alpha	Cronbach's Alpha Based on Standardized Items	N of Items
,992	,992	44

Fonte: Dados extraídos da análise do SPSS.

O valor obtido do  $\alpha$  de Cronbach, neste caso, é de 0,992. Este indicador assume valores entre 0 e 1 e trabalha com a premissa que as correlações entre os itens são positivas. De forma geral considera-se que um bom valor do  $\alpha$  seria 0,70 ou superior (obtido com uma amostra significativa). Esta regra deve ser aplicada com prudência, uma vez que o grau adequado de fidedignidade depende da utilização do instrumento. Pereira (1999, p87) afirma que para interpretar o  $\alpha$  de Cronbach, pode-se entendê-lo como um coeficiente de correlação ao quadrado ( $R^2$ ) com uma suposta medida real do fenômeno.

Depois desses testes constatou que não há proposição alguma que, se removida, eleve o valor de  $\alpha$  de Cronbach. Pode-se dizer que todas as proposições foram mantidas neste processo de validação da Escala.

A Escala para avaliar a formação empreendedora e as características dos empreendedores, acima validada, para ser adequadamente analisada foi estratificada por fatores, A escala, para fins de análise, contempla proposições referentes aos fatores considerados. Fatores com uma ou duas proposições foram agrupados sob o rótulo de ‘Outros Fatores’ e consideram proposições referentes a Autoconfiança, Necessidade de Realização, Auto-eficaz e Conhecimento do Produto.

O questionário construído para essa pesquisa é de acordo com o processo de Likert. A escala tipo Likert é formada por proposições, isto é, afirmações, cujo o respondente informa o seu grau de concordância, dependendo do diferencial semântico a ser utilizado (Sanches; Meireles & De Sordi, 2011). Os respondentes devem escolher uma opção dentro de algumas alternativas da escala Likert de opinião, onde o diferencial semântico utilizado será *DT (Discordo Totalmente)*, *D (Discordo em parte)*, *I (Indiferente / Ignoro)*, *C (Concordo em parte)* e *CP (Concordo plenamente)*. Conforme demonstra o Quadro 3.4.

Por serem oriundos de Escalas, os dados coletados são classificados como qualitativos ordinais. Desta forma tais dados receberão tratamento quantitativo por meio de técnicas não-paramétricas.

Quadro 3.4: Questionário aplicado à amostra

<p>Prezado aluno,</p> <p>Sua turma foi selecionada, por meio de metodologia específica, para responder ao questionário abaixo. Convido, assim, a participar dessa pesquisa que está sendo desenvolvida com o propósito de investigar se as competências que contemplam o módulo de empreendedorismo influenciam ou não no perfil empreendedor dos estudantes com melhor desempenho do ensino técnico.</p> <p>Sua resposta é muito importante, pois possibilitará a análise fundamentada do tema em pauta. As informações recebidas serão tratadas de forma sigilosa e o conteúdo a ser divulgado, em Relatórios Científicos, não terá referências específicas ao seu nome ou a algo que possa constituir vínculo.</p> <p>Agradeço desde já a sua disponibilidade em responder este questionário. Mariana Bueno Silveira</p>	
<b>DADOS DO(A) ALUNO(A)</b>	
Nome completo:	
Data: ____/____/____	
Gênero do aluno: 0=Feminino 1=Masculino	
Faixa etária: 1=16-23 2=24-31 3=32-39 4=>40	
Curso Técnico que frequenta: 1= Administração 2= Comércio Exterior 3= Logística 4= Recursos Humanos	
Já cursou o Empreendedorismo? 0=Não 1=Sim	
<b>INSTRUÇÕES PARA O PREENCHIMENTO DA PESQUISA</b>	
<p>Cada uma das proposições apresenta uma afirmativa requerendo que o respondente aponte com um X a alternativa que está mais de acordo com o seu entendimento.</p> <p><b>Atenção:</b>  <i>DT (Discordo Totalmente)</i> se entender que a afirmação é totalmente contrária ao seu entendimento;  <i>D (Discordo em parte)</i> se entender que a afirmação é parcialmente contrária ao seu entendimento;  <i>I (Indiferente / Ignoro)</i> se entender que a afirmação possui aspectos discordantes e concordantes com o mesmo peso ou caso ignore a resposta;  <i>C (Concordo em parte)</i> se entender que a afirmação está parcialmente de acordo com o seu entendimento;  <i>CP (Concordo plenamente)</i> se entender que a afirmação está totalmente de acordo com o seu entendimento.</p> <p>Observações:</p>	

P	Proposições	DT	D	I	C	CP
Var01	Sou capaz de estabelecer meu perfil como empreendedor.					
Var02	Sei identificar as características que já possuo/faltam em relação a um perfil de empreendedor ideal.					
Var03	Sou capaz de avaliar o meu potencial como empreendedor.					
Var04	Sei reconhecer os atributos de um empreendedor.					
Var05	Tenho dificuldades para reconhecer meus pontos fracos e fortes como empreendedor.					
Var06	Sou capaz de realizar uma pesquisa de mercado, fazendo uso da técnica de análise SWOT.					
Var07	Sou capaz de propor uma solução viável perante o diagnóstico de uma análise SWOT.					
Var08	Sou capaz de definir com clareza / objetividade uma missão empresarial.					
Var09	Não é fácil para mim definir com clareza / objetividade uma visão estratégica.					
Var10	Sou capaz de definir / identificar os valores de uma empresa.					
Var11	Sou capaz de elaborar um código de ética.					
Var12	Sou capaz de propor uma solução sustentável ao elaborar um código de ética.					
Var13	Não é fácil, para mim, reconhecer os princípios da Responsabilidade Social Empresarial.					
Var14	Com base na legislação, sei indicar os procedimentos necessários para a abertura de uma empresa.					
Var15	Sei indicar os aspectos técnicos necessários para o funcionamento de uma empresa (órgãos de classe, CETESB, Vigilância Sanitária, Corpo de Bombeiros e outras).					
Var16	Sei identificar as diferentes técnicas de análise e coleta de dados.					
Var17	Sou capaz de analisar os ambientes interno e externo da empresa.					
Var18	Para mim, não é fácil expressar o conceito de empreendedor.					
Var19	Sei a diferença existente entre empreendedor e intra-empendedor.					
Var20	Sei mapear as interações de uma empresa com seus clientes ou fornecedores.					
Var21	Sou capaz de reconhecer a concorrência de um determinado setor.					
Var22	Para mim, é difícil analisar a concorrência de um determinado setor.					
Var23	Sou capaz de reconhecer através do mapeamento os principais clientes de um determinado setor.					
Var24	Sou capaz de analisar o mercado consumidor de um determinado setor.					
Var25	Tenho dificuldade de identificar o benefício de determinado produto ao consumidor.					
Var26	Não é fácil, para mim, identificar um processo criativo de geração de ideias.					
Var27	Sou capaz de analisar a viabilidade de um negócio.					
Var28	Sou capaz de identificar tendências de mercado, visualizando oportunidades.					
Var29	Sou capaz de identificar tendências de mercado, visualizando problemas futuros.					
Var30	Sou capaz de agir com os atributos de um empreendedor ao identificar oportunidade de negócios.					
Var31	Sou capaz de reconhecer as perspectivas de negócios e a possibilidade de sucesso no cenário atual.					
Var32	Tenho dificuldade em identificar oportunidade de estratégias de negócio.					
Var33	É difícil, para mim, reconhecer claramente a diferença entre um problema de gestão e de oportunidade.					
Var34	Sou capaz de reconhecer a existência de um problema organizacional.					
Var35	Para mim não é fácil propor uma solução viável para um problema organizacional.					
Var36	Sou capaz de propor uma solução viável perante a uma ameaça de um concorrente.					
Var37	Sou capaz de pensar conceitualmente e solucionar problemas complexos.					
Var38	Já li/pesquisei sobre empreendedores de sucesso.					
Var39	Não é fácil, para mim, identificar um processo inovador de um de geração de ideias.					
Var40	Sei trabalhar bem com outros a ponto de modificar o seu comportamento para atingir um objetivo.					
Var41	Raramente trabalho de forma intensa, mesmo em projetos de retornos incertos.					
Var42	Sempre que possível procuro satisfazer a minha necessidade de criação e inovação.					
Var43	Sou capaz de identificar oportunidades potenciais visando o meu autodesenvolvimento.					
Var44	Sou capaz de persuadir as pessoas, quando é de meu interesse.					

Muito obrigada!

Mariana Bueno Silveira

Este estudo se propôs a analisar e testar as seguintes hipóteses:

Ha – A disciplina de empreendedorismo influencia significativamente nas características empreendedoras dos estudantes (o grau de aderência às proposições da Escala da amostra II é significativamente maior do que o grau de aderência da amostra I).

Hb – O fator aos quais os elementos da amostra II apresentam maior aderência é o fator Detecta Oportunidades (o grau de aderência da amostra II a este fator é o maior de todos).

Hc – Os elementos da amostra II, considerando o fator Autoconsciência, apresentam maior grau de aderência à proposição Var03: Sou capaz de avaliar o meu potencial como empreendedor.

Hd – Os elementos da amostra II, considerando o fator Capacidade de Aprendizagem, apresentam maior grau de aderência à proposição Var04: Sei reconhecer os atributos de um empreendedor.

He – Os elementos da amostra II, considerando o fator Conhecimento do Mercado, apresentam maior grau de aderência à proposição Var36: Sou capaz de propor uma solução viável perante a uma ameaça de um concorrente.

Hf – Os elementos da amostra II, considerando o fator Detecta Oportunidades, apresentam maior grau de aderência à proposição Var27: Sou capaz de analisar a viabilidade de um negócio.

Hg – Os elementos da amostra II, considerando o fator Habilidade para Conduzir Situações, apresentam maior grau de aderência à proposição Var40: Sei trabalhar bem com outros a ponto de modificar o seu comportamento para atingir um objetivo.

Hh – Os elementos da amostra II, considerando outros fatores, apresentam maior grau de aderência à proposição Var44: Sou capaz de persuadir as pessoas, quando é de meu interesse.

A Escala para avaliar a formação empreendedora e as características empreendedoras, a aplicar às amostras da pesquisa conterà apenas as proposições sem quaisquer informações adicionais.

## 4 RESULTADOS

A pesquisa utilizou o método experimental “antes e depois”, sendo que o procedimento adotado foi analisar os alunos antes de cursarem a disciplina de empreendedorismo (amostra I) e depois de cursarem a disciplina de empreendedorismo (amostra II).

Conforme demonstrado na tabela 4.1, esse grupo foi composto por 157 alunos, sendo que 68% desse público é do gênero feminino e 32% alunos do gênero masculino. Na amostra I tivemos 80 alunos respondentes e na amostra II tivemos 77 alunos respondentes. A faixa etária desse público se concentra entre 16 a 23 anos com 60% dos estudantes. Quanto aos cursos

pesquisados, 73% dos estudantes são do curso Técnico em Administração, 11% do Técnico em Recursos Humanos, 8% do Técnico em Logística e 7% do curso Técnico em Comércio Exterior.

Tabela 4.1: Estatística descritiva

Gênero	Alunos	%
Feminino	107	68%
Masculino	50	32%
<b>Total</b>	<b>157</b>	<b>100%</b>

Já cursou a disciplina de Empreendedorismo?	Alunos	%
Sim	77	49%
Não	80	51%
<b>Total</b>	<b>157</b>	<b>100%</b>

Curso Técnico que frequenta	Alunos	%
Técnico em Administração	115	73%
Técnico em Comércio Exterior	11	7%
Técnico em Logística	13	8%
Técnico em Recursos Humanos	18	11%
<b>Total</b>	<b>157</b>	<b>100%</b>

Faixa etária	Alunos	%
16 a 23 anos	94	60%
24 a 31 anos	43	27%
32 a 39 anos	12	8%
Igual ou > 40 anos	8	5%
<b>Total</b>	<b>157</b>	<b>100%</b>

A avaliação geral consistiu no cálculo do grau de aderência à proposição (GA) e no cálculo do grau de aderência a um conjunto específico de proposições. Valores iguais ou superiores a 0,55 indicam elevado grau de aderência (aderência forte ou muito forte); valores inferiores a 0,40 indicam aderência fraca ou muito fraca.

Os resultados do GA referente aos alunos antes de cursarem a disciplina de empreendedorismo a proposição que obteve maior GA foi “Sou capaz de persuadir as pessoas, quando é de meu interesse”; a proposição com menor GA foi a proposição “Sei a diferença existente entre empreendedor e intraempreendedor”. Ao mesmo tempo em que, demonstra os resultados do GA referente aos alunos depois de cursarem a disciplina de empreendedorismo a proposição que obteve maior GA foi “Sou capaz de realizar uma pesquisa de mercado fazendo uso da técnica de análise SWOT”; a proposição com menor GA continuou sendo a proposição “Sei a diferença existente entre empreendedor e intraempreendedor”. Analisando o GA de forma geral foi possível observar que em todas as proposições ele teve um aumento comparando o antes com o depois

## 5. CONCLUSÕES

Com a presente pesquisa esperava-se alcançar respostas para a questão norteadora desse estudo, bem como para as hipóteses colocadas.

Esperava-se primeiramente analisar se a disciplina de empreendedorismo influencia significativamente nas características empreendedoras dos estudantes, para isso os alunos foram analisados Antes e Depois de cursarem a disciplina de empreendedorismo (hipótese a). O resultado não rejeitou a hipótese, isso quer dizer que a disciplina de empreendedorismo influencia as características empreendedoras tais como: autoconfiança; autoconsciência; auto-efficaz; capacidade de aprendizagem; conhecimento do mercado; conhecimento do produto; detecta oportunidades; habilidade para conduzir situações; habilidade na utilização de recursos; necessidade de realização.

Com essa primeira análise foi possível constatar que o objetivo geral dessa pesquisa foi alcançado, pois, ao analisar se há diferença significativa quanto às características empreendedoras entre os alunos que estudaram e os que não a disciplina de empreendedorismo, foi claramente observado que, a formação empreendedora influencia o indivíduo no desenvolvimento das características mencionadas nesse estudo. Neste contexto, as instituições de ensino profissionalizante possuem fundamental importância na formação empreendedora de seus alunos.

Esperava-se que a característica mais sobressalente fosse a de Detectar Oportunidades (hipótese b), porém a pesquisa demonstrou que entre os estudantes a característica empreendedora mais desenvolvida é Conhecimento de Mercado, para esses indivíduos é importante reconhecer clientes através de mapeamentos, reconhecer a concorrência de um determinado setor e ser capaz de propor uma solução viável perante a uma ameaça de um concorrente. Sendo assim segunda hipótese desse estudo foi rejeitada.

Esperava-se analisando os elementos da amostra II que algumas proposições apresentassem um grau de aderência significativamente maior do que as demais. Na hipótese C, cujo fator analisado foi o de Autoconsciência, esperava-se que seria a Var03: Sou capaz de avaliar o meu potencial como empreendedor. Porém essa hipótese foi rejeitada, pois a proposição que apresentou um maior grau de aderência foi a Var01: Sou capaz de estabelecer meu perfil como empreendedor.

Esperava-se que no fator Capacidade de Aprendizagem (hipótese d), que os respondentes da amostra II, apresentassem um maior grau de aderência à proposição Var04: Sei reconhecer os atributos de um empreendedor. Embora esta proposição tenha sido a segunda em Ga, ela pertence ao mesmo cluster que a primeira proposição Var10: Sou capaz de definir / identificar os valores de uma empresa, por este motivo essa hipótese não foi rejeitada.

Esperava-se que na (hipótese e) a Var36: Sou capaz de propor uma solução viável perante a uma ameaça de um concorrente, apresentasse um maior grau de aderência, porém foi

a Var21: Sou capaz de reconhecer a concorrência de um determinado setor, que o apresentou. O fator Conhecimento do mercado, é a habilidade de reconhecer, identificar e explorar informações e oportunidades de negócios. Observou-se que na amostra II os estudantes possuem uma aderência forte a este fator.

Analisando os elementos da amostra II esperava-se que algumas proposições apresentassem um grau de aderência significativamente maior do que as demais, tais como a Var27: Sou capaz de analisar a viabilidade de um negócio (hipótese f); Var40: Sei trabalhar bem com outros a ponto de modificar o seu comportamento para atingir um objetivo (hipótese g); Var44: Sou capaz de persuadir as pessoas, quando é de meu interesse (hipótese h); porém as proposições levantadas nas hipóteses Hf, Hg e Hh, foram rejeitadas, sendo que as proposições que apresentaram o maior grau de aderência foram:

Hf – fator Detecta Oportunidades, proposição Var28: Sou capaz de identificar tendências de mercado, visualizando oportunidades.

Hg – fator Habilidade para Conduzir Situações, proposição Var06: Sou capaz de realizar uma pesquisa de mercado, fazendo uso da técnica de análise SWOT.

Hh –considerando outros fatores, proposição Var42: Sempre que possível procuro satisfazer a minha necessidade de criação e inovação.

De forma geral pode-se considerar que o objetivo dessa pesquisa foi alcançado com o resultado da hipótese “a”. Algumas hipóteses não se comportaram da forma pretendida, porém esses resultados não interferiram no objetivo principal desse estudo. No entanto, espera-se que esses resultados sejam de grande valia para auxiliar as instituições de ensino profissionalizante na análise do conteúdo programático da competência, módulo ou disciplina de empreendedorismo. Bem como, que essas instituições também comecem a notar que a mola propulsora de todo esse processo é o professor e que ele deverá ser capacitado para conduzi-lo com clareza e tranquilidade. Sendo assim, o professor se tornará um mediador na construção dos saberes dos alunos e não mais um tomador do conhecimento.

A presente pesquisa considera algumas limitações, tais como:

- i) a pesquisa foi baseada na instituição de ensino Senac Jundiaí, dessa forma, não se pode generalizar o seu resultado para outras instituições;
- ii) os sujeitos pesquisados são alunos que iniciaram o curso Técnico recentemente;
- iii) considera como sendo verdadeiras as respostas dadas pelos respondentes;
- iv) o questionário criado precisa ser validado em outras populações;
- v) viés do próprio respondente.

Para pesquisas futura, este estudo sugere alguns temas de estudo, conforme segue:

- i) ampliar o número de instituições de ensino a serem pesquisadas, focando e comparando o mesmo nível de formação (técnico, graduação, pós graduação, etc);
- ii) avaliar outras características de empreendedores, que não foram abordadas nessa pesquisa;
- iii) considerar diferentes metodologias de ensino na Formação Empreendedora;
- iv) analisar o papel do professor na formação do aluno ao que se diz respeito a Formação Empreendedora;
- v) explorar o perfil de professores que hoje lecionam o conteúdo de Empreendedorismo.

## REFERÊNCIAS

- AGUSTIN-LACRUZ, M. D. C., GOMEZ-DIAZ, R.,FUJITA, M. S. L. **Projeto colaborativo em ambientes digitais de atividades de aprendizagem e avaliação para aquisição de competências em informação e documentação**. 2011, vol.23, n.2, pp. 89-94. ISSN 0103-3786.
- BAQUERO, G. (1974) **Testes psicométricos e projetivos**. São Paulo: Loyola.
- CEM Anos de Gestão. **ExecutiveDigest**, ed. 48. 2010. Disponível em: <http://www.centroatl.pt/edigest/edicoes/ed48cap1.html>>. Acesso em: 09 abr. 2015.
- CRESWELL, J. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**.2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2007.
- CRONBACH, L.J. E MEEHL, P.E. **Construct validity in psychological test**. **PsychologicalBulletin**, n52, p. 281-302, 1955.
- DELORS, J. et al. **Educação: um tesouro a descobrir**. Brasília, DF: MEC/UNESCO, 2010.
- DIAS, Isabel Simões. **Competências em educação: conceito e significado pedagógico**. **Psicol. Esc. Educ.** (Impr.) [online]. 2010, vol.14, n.1, pp. 73-78. ISSN 1413-8557.
- DRUCKER, P. F. **Inovação e Espírito Empreendedor – Entrepreneurship**. 6ª ed. São Paulo: Pioneira, 1985.
- FILION, L. J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. **Revista de Administração da Universidade de São Paulo**, v. 34, n. 2, 1999.
- GARTNER, W. B. “Who is an entrepreneur?” Is the wrong Question. **American Journal of Small Business**, 12(4), 11-32, 1989.



- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª ed. - São Paulo: Atlas, 2012.
- HASHIMOTO, M. **Espírito Empreendedor nas Organizações**. 3ª ed. - São Paulo: Saraiva, 2013.
- KATZ, J. A. The chronology and intellectual trajectory of American entrepreneurship education 1876-1999. **Journal of Business Venturing**. New York, v. 18, n. 2, p. 283, 2003
- LAVIERI C. Educação... empreendedora? In: LOPES R. M. A. (org.). **Educação empreendedora: conceitos, modelos e prática**. Rio de Janeiro: Elsevier; São Paulo: Sebrae, 2010.
- LOPES, C. L. J. Educação empreendedora: um estudo do projeto empreendedorismo 10.0 aplicado aos alunos do Técnico em Informática. **Rev. de Empreendedorismo, Inovação e Tecnologia**. 1 (1): 39-40, 2014.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Catálogo Nacional de Cursos Técnicos**. 2015. Disponível em: <<http://pronatec.mec.gov.br/cnct/introducao.php>>. Acesso 25 novembro 2015.
- NASCIMENTO, M. N. M. História, trabalho e educação no Brasil: os primórdios da educação profissional. **Germinal: Marxismo e Educação em debate**. Londrina, v. 3, n. 2, p. 15-25, dez. 2011.
- NASSIF, V. M. J. **Aspectos Afetivos e Cognitivos: Uma Relação Indissociável para Compreender o Comportamento do Empreendedor**. Goiânia: VIIIIEGEPE (2014).
- NECK, H. M., GREENE, P. G. **Entrepreneurship education: Known worlds and new frontiers**. **Journal of Small Business Management**, 49(1), 55-70, 2011.
- PEREIRA, J.C.R. **Análise de dados qualitativos. Estratégias metodológicas para as ciências da saúde, humanas e sociais**. São Paulo: EDUSP (1999).
- PASQUALI, L. **Psicometria: teoria dos testes na psicologia e na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- PERRENOUD, P. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artmed Editora, 1999.
- PERRENOUD, P. **Dez Novas Competências para Ensinar**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2000.
- ROCHA, E. L. C; FREITAS, A. A. F. Avaliação do Ensino de Empreendedorismo entre Estudantes Universitários por meio do Perfil Empreendedor. **Rev. adm. contemp.** 2014, vol.18, n.4, pp. 469-470.
- SANCHES, C., MEIRELES, M., & DE SORDI, J. Análise Qualitativa Por Meio da Lógica Paraconsistente: Método de Interpretação e Síntese de Informação obtida Por Escalas Likert.

**III encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade.** João Pessoa/PB. 2011.

SCHMIDT, S., & BOHNENBERGER, M. C. Perfil empreendedor e desempenho organizacional. **Revista de Administração Contemporânea**, 13(3), 450-467. 2009.

SCHUMPETER, J. A. Teoria do Desenvolvimento Econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e ciclo econômico. 2ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

SOUZA, E.C.L.de. Empreendedorismo: da gênese à contemporaneidade. In: SOUZA, E. C. L. de; GUIMARÃES, T. de A. **Empreendedorismo além do plano de negócios**. São Paulo: Atlas 2005.

TEIXEIRA A. **Educação Profissional** 2009. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/byalessandrateixeira/Home/artigos-sobre-educacao-profissional>>. Acesso 29 abril 2015.